



O Conhecimento na Competência da Teoria e da Prática em Enfermagem 4

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra
(Organizadora)

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra
(Organizadora)

**O Conhecimento na Competência
da Teoria e da Prática em
Enfermagem 4**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C749 O conhecimento na competência da teoria e da prática em enfermagem 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (O Conhecimento na Competência da Teoria e da Prática em Enfermagem; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-618-8

DOI 10.22533/at.ed.188191109

1. Enfermagem – Prática profissional. I. Sombra, Isabelle Cordeiro de Nojosa.

CDD 610.73

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A obra “*O Conhecimento na Competência da Teoria e da Prática em Enfermagem 4*” aborda uma série de estudos realizados na área da Enfermagem, sendo suas publicações realizadas pela Atena Editora. Em sua totalidade está composta por 2 volumes, sendo eles classificados de acordo com a área de abrangência e temáticas de estudo. Em seus 18 capítulos, o volume 4 aborda a Enfermagem no como atuante na assistência materno-infantil, na saúde da mulher, da criança e do adulto, trazendo abordagens específicas e voltadas para cada público de uma forma especial.

Esse olhar diferenciado promove o conhecimento, facilitando a atuação do profissional diante das especificidades inerentes a cada público. Sendo assim, a prestação dos serviços ocorre de forma mais eficaz, gerando resultados cada vez mais satisfatórios.

Colaborando com as mais diversas transformações no contexto da saúde, este volume I é dedicado ao público de mulheres, incluindo a atuação da enfermagem em ginecologia e obstetrícia, na vertente materno-infantil, e estudo voltados à violência contra a mulher. Além disso, as publicações também oferecem suporte com evidências relacionadas à saúde da criança, mortalidade infantil e saúde do adulto, trazendo assuntos inerentes aos cuidados ao paciente com diabetes mellitus, doenças neurológicas, ostomia e insuficiência respiratória aguda.

Ademais, esperamos que este livro possa fornecer subsídios para uma atuação qualificada, humanizada e com um olhar especial no que diz respeito à saúde da mulher e da criança, bem como do binômio mãe-filho, além da saúde dos demais públicos, buscando cada vez mais a excelência no cuidado em enfermagem, e disseminando práticas promotoras da saúde.

Isabelle C. de N. Sombra

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AÇÕES EXTENSIONISTAS VOLTADAS PARA A HUMANIZAÇÃO DO PARTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Solange Rodrigues da Costa</i>	
<i>Lara Souza Lima Lins</i>	
<i>Maria Carlota de Rezende Coelho</i>	
<i>Jaçamar Aldenora dos Santos</i>	
<i>Adriane Souza Sena</i>	
<i>Caroline Nascimento de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1881911091	
CAPÍTULO 2	12
AMIGOS DE DONA CARLOTA: A EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO DE APOIO A MULHERES ACOMETIDAS COM CÂNCER DO MUNICÍPIO DE INDEPENDÊNCIA- CE	
<i>Francisco Arlysson da Silva Verissimo</i>	
<i>Samilla Gzella Gonçalves Lima</i>	
<i>Maria Naiane Santos Silva</i>	
<i>Antonia Cristiane Sales Silva</i>	
<i>Ana Paula Alves da Silva</i>	
<i>Jaquelina Aurelio Machado</i>	
<i>Deborah Ximenes Torres de Holanda</i>	
<i>Amanda Luiza Marinho Feitosa</i>	
<i>Fernanda Severo do Nascimento</i>	
<i>Jose Siqueira Amorim Junior</i>	
<i>Antonia Jorgiane Rodrigues de Macêdo</i>	
<i>Camila Maria de Araújo Pinto Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1881911092	
CAPÍTULO 3	17
COMPLICAÇÕES EM RECÉM-NASCIDOS DE MÃES ADOLESCENTES	
<i>Isabela Merigete Araújo</i>	
<i>Isabelle Kaptzky Ballarini</i>	
<i>Isadora Dos Reis Martins</i>	
<i>João Pedro Oliveira De Souza</i>	
<i>Johann Peter Amaral Santos</i>	
<i>Júlia Guidoni Senra</i>	
<i>Luciana Carrupt Machado Sogame</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1881911093	
CAPÍTULO 4	29
DIABETES MELLITUS GESTACIONAL E EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA SALA DE ESPERA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Sarah Ellen da Paz Fabricio</i>	
<i>Samuel Miranda Mattos</i>	
<i>Irialda Saboia Carvalho</i>	
<i>Kellen Alves Freire</i>	
<i>Thereza Maria Magalhães Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1881911094	

CAPÍTULO 5 33

DIFICULDADES ENFRENTADAS PELA POPULAÇÃO FEMININA QUE GERAM RESISTÊNCIA NA REALIZAÇÃO DA COLPOCITOLOGIA

Tatiana Carneiro de Resende
Sandy Leia Santos Silva
Emerson Piantino Dias
João Paulo Assunção Borges
Mayla Silva Borges
Richarlisson Borges de Moraes
Tatiany Calegari
Ana Cristina Freitas de Vilhena Abrão
Karla Oliveira Marcacine
Maria Cristina Gabrielloni
Zelina Hilária de Sousa Rosa
Jessica de Oliveira Gomes Silva

DOI 10.22533/at.ed.1881911095

CAPÍTULO 6 46

O AUTO CUIDADO NA SAÚDE DAS MULHERES ENFERMEIRAS NO MUNICÍPIO DE ASSÚ/RN

Ilza Iris dos Santos
Ennytelani Tâmara Ferreira de Oliveira
Laurellena Barata Gurgel Dutra
Rodrigo Jacob Moreira de Freitas
Sibele Lima da Costa Dantas
Rúbia Mara Maia Feitosa
Natana Abreu de Moura
Renata de Oliveira da Silva
Ingrid Rafaely Alves Saraiva
Maria Alcione Oliveira da Silva Chaves
Erison Moreira Pinto
Maria Neucivânia de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.1881911096

CAPÍTULO 7 59

O CLIMATÉRIO NA PERSPECTIVA DA USUÁRIA DO AMBULATÓRIO DE GINECOLOGICA DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Camila Ribeiro Amorim
Eliana Faria de Angelice Biffi.

DOI 10.22533/at.ed.1881911097

CAPÍTULO 8 71

O PAPEL DAS DOULAS E A HUMANIZAÇÃO DO TRABALHO DE PARTO

Tatiana Carneiro de Resende
Mariana Rodrigues Cardoso
Emerson Piantino Dias
João Paulo Assunção Borges
Mayla Silva Borges
Richarlisson Borges de Moraes
Tatiany Calegari
Ana Cristina Freitas de Vilhena Abrão
Karla Oliveira Marcacine

*Maria Cristina Gabrielloni
Zelina Hilária de Sousa Rosa
Jessica de Oliveira Gomes Silva*

DOI 10.22533/at.ed.1881911098

CAPÍTULO 9 83

O PERFIL DO AUTOR DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM NARRADA PELA MÍDIA IMPRESSA PARAENSE: UM ESTUDO QUANTITATIVO

*Euriane Castro Costa
Vera Lúcia de Azevedo Lima
Victor Assis Pereira da Paixão
Raine Marques da Costa
Adria Vanessa da Silva
Eliseu Pedroso de Macedo
Ana Karolina Souza da Silva
Brenda Jamille Costa Dias
Carolina Pereira Rodrigues*

DOI 10.22533/at.ed.1881911099

CAPÍTULO 10 91

OS EFEITOS DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA DURANTE O PARTO

Jeane Pereira Ramos

DOI 10.22533/at.ed.18819110910

CAPÍTULO 11 100

PERCEPÇÕES DE ACADÊMICAS DE UMA FACULDADE PRIVADA SOBRE VIAS DE PARTO

*Christina Souto Cavalcante Costa
Micaele Nascimento da Silva Amorim
Erliene de Oliveira Gomes
Rosemar Macedo Sousa Rahal
Ruffo de Freitas Júnior
Consuelo Souto Cavalcante Amaral
Sandra Oliveira Santos
Sue Christine Siqueira
Alexander Augusto da Silveira
Kenia Alessandra de Araújo Celestino
Tainara Sardeiro de Santana
Andrea Cristina de Sousa*

DOI 10.22533/at.ed.18819110911

CAPÍTULO 12 112

RECORTE DA MORTALIDADE INFANTIL EM GOIÂNIA

*Thaynara Luciana Pereira
Leiliane Sabino Oliveira
Carlos Eduardo da Silva Nascimento
Luiz Marcio Ribeiro da Silva
Ivan Pires de Oliveira Fonseca
Gabriela Bandeira Araújo
Bruna Karlla Pereira Paulino
Emilly Gabriely Ribeiro Gomes
Rosângela Addad Abed*

*Anna Carolina Arantes de Oliveira
Suellen Daniela Ferraz de Oliveira Alves
Caroline Marinho de Araújo*

DOI 10.22533/at.ed.18819110912

CAPÍTULO 13 119

SÍFILIS CONGÊNITA, UM DESAFIO À SAÚDE PÚBLICA: REVISÃO DA LITERATURA

*Amanda Grippa Piffer
Carolina Fiorotti Tedesco
Ícaro Pratti Sarmenghi
Isabel Zago Vieira
Marcela Souza Lima Paulo*

DOI 10.22533/at.ed.18819110913

CAPÍTULO 14 128

PRÁTICAS EDUCATIVAS NA SAÚDE DO HOMEM COM ENFOQUE EM DOENÇAS NEUROLÓGICAS

*Lorena Cavalcante Lobo
Camila Fernanda Pinheiro do Nascimento
Suellen Moura Rocha Ferezin
Carmen Silvia da Silva Martini*

DOI 10.22533/at.ed.18819110914

CAPÍTULO 15 135

AÇÕES COMPLEMENTARES AO CUIDADO DO PACIENTE ESTOMIZADO FRENTE ÀS COMPLICAÇÕES MAIS PREVALENTES EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA

*Daniela Alencar Vieira
Roseanne Montargil Rocha
Adelaide Carvalho de Fonseca
Kárita Santos da Mota
Poliane Oliveira Carvalho
Úrsula Oliveira Calixto*

DOI 10.22533/at.ed.18819110915

CAPÍTULO 16 143

AVALIAÇÃO DA CULTURA DE SEGURANÇA DO PACIENTE EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

*Luciane Patrícia Andreani Cabral
Andressa Paola Ferreira
Daniele Brasil
Clóris Regina Blanski
Caroline Gonçalves Pustiglione Campos
Danielle Bordin*

DOI 10.22533/at.ed.18819110916

CAPÍTULO 17 154

CUIDADOS DE ENFERMAGEM EM PACIENTES HOSPITALIZADOS COM ACOMETIDOS POR INSUFICIÊNCIA RESPIRATÓRIA AGUDA

*Francisco José do Nascimento Júnior
Alisson Salatiek Ferreira de Freitas
Amanda Silva de Araújo
Andrea Luiza Ferreira Matias*

Antonielle Carneiro Gomes
Cristianne Kércia da Silva Barro
Daniele de Matos Moura Brasil
Francisca Fernanda Alves Pinheiro
Heloisa Sobreira Camilo Teles de Menezes
Herlenia da Penha Oliveira Cavalcante
Raffaele Rocha de Sousa
Silvânia Moreira de Abreu Façanha

DOI 10.22533/at.ed.18819110917

CAPÍTULO 18 171

FALTA DE ADESÃO AO TRATAMENTO ENTRE PORTADORES DE DIABETES MELLITUS: CARACTERIZAÇÃO DO DIAGNÓSTICO DE ENFERMAGEM

Silvânia Medina de Souza
Luana Vieira Toledo
Érica Toledo de Mendonça
Nádia Aparecida Soares Diogo
Tiago Ricardo Moreira
Lídia Miranda Brinati

DOI 10.22533/at.ed.18819110918

SOBRE A ORGANIZADORA..... 182

ÍNDICE REMISSIVO 183

O CLIMATÉRIO NA PERSPECTIVA DA USUÁRIA DO AMBULATÓRIO DE GINECOLOGICA DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Camila Ribeiro Amorim

Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade
de Medicina
Uberlândia - MG

Eliana Faria de Angelice Biffi.

Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade
de Medicina
Uberlândia – MG

RESUMO: O envelhecimento populacional é uma realidade demográfica brasileira tendo como consequência o aumento progressivo das mulheres que vivenciam o climatério fato este que justifica a importância da pesquisa relacionada a esta temática. Este estudo se propôs a compreender o significado do climatério na perspectiva das mulheres na faixa etária de 45 a 60 anos de idade, assistidas no ambulatório de climatério do setor de ginecologia e obstetrícia do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HC-UFU). Para tanto, foi utilizada a pesquisa qualitativa com enfoque na Fenomenologia, por meio de entrevista não estruturada, realizada com 15 mulheres atendidas no ambulatório. Desta forma este estudo se norteou com a interrogação: O que significa o climatério para você? A análise das entrevistas revelou que a maioria das mulheres desconhece o climatério, porém souberam discursar quando o mesmo

foi associado à menopausa. Na perspectiva das mulheres participantes deste trabalho o climatério significa: aparecimento de sinais e sintomas, Que não houve problemas; O mesmo que menopausa; Parar de menstruar e fase de mudança na vida que necessita atenção e cuidado. Nesta pesquisa fica claro que os sintomas que se destacaram foram as ondas de calor e a irritabilidade. Portanto é importante o conhecimento da mulher quanto ao climatério para a promoção do autocuidado e a prevenção de agravos por meio de uma assistência adequada.

P A L A V R A S - C H A V E :
Climatério.Menopausa.Qualitativo.

**THE CLIMATARY IN THE USER'S
PERSPECTIVE OF THE GYNECOLOGY
AMBULATORY OF A UNIVERSITY HOSPITAL.**

ABSTRACT: The population ageing is a Brazilian demographic reality, having therefore the progressive increase of women that experience the climacteric, fact that justifies the importance of the research related to that subject. The purpose of this paper is to understand the significance of the climacteric from the perspective of women in the 45-60 age group, assisted in the climacteric ambulatory of the gynecology and obstetrics sector from the Clinic Hospital of the Federal University of Uberlândia (HC-UFU). In order to do it, the

qualitative research focused on Phenomenology, by means of unstructured interviews, performed with women attended at the ambulatory. Thus, this paper was guided by the question: What climacteric means to you? The analysis of the interviews revealed that most women does not know the climacteric, however they were able to talk about it when associated with menopause. From the perspective of the participants of this study, the climacteric means: the appearance of signals and symptoms that did not cause any problem; the same as menopause; stop menstruating and phase of change in life that needs attention and care. In this research, it was possible to perceive that the symptoms that stood out were the heat waves and the irritability. Therefore, it is important for women to know about the climacteric in order to promote the self-care and the harm prevention through appropriate assistance.

KEYWORDS: Climacteric.Menopause.Qualitative

INTRODUÇÃO

O climatério é caracterizado como a passagem da fase reprodutiva para a não reprodutiva, ajustando a mulher a meios hormonal e emocional diferentes. (OLIVEIRA 2008). Segundo o Ministério da Saúde (MS) Brasil (2008) trata-se de uma fase de transição no processo de envelhecimento que frequentemente necessita de algumas adaptações. Logo é de relevância o profissional de saúde prestar uma assistência no sentido da necessidade de conceber a mulher não apenas como portadora de um corpo, mas como um ser completo que está vivendo um momento emocional específico e inserida em um determinado contexto biopsicossocial. (SIQUEIRA, 2009), portanto, na sua integralidade considerando medidas de promoção e prevenção em saúde, como terapêuticas e de reabilitação, individualizada com vistas a uma melhor qualidade de vida, (LORENZI; CATAN; MOREIRA; ÁRTICO,2009).

Valadares et al. (2008 p. 300) afirma que estudos mostram que: “Há poucas informações sobre o significado do climatério e a visão da experiência de mulheres brasileiras sobre tais assuntos.” Nessa fase, há mais necessidades de informações e orientações, mas as mulheres recebem pouca atenção do sistema de saúde. (SILVA; et al. 2003 apud DAOUD). Fato esse consequente do vago conhecimento por parte das mulheres sobre o climatério, estando mais claramente expressa a noção de que neste período da vida não está distante a parada da menstruação. (BERNI; LUZ; KOHLRAUSH, 2007).

Tomando por norte estas questões, a pesquisa se propôs a buscar o significado atribuído ao climatério na perspectiva da mulher que o vivencia e assim intervir em ações e qualificar um atendimento de Enfermagem para ajudá-las a se adaptarem a essa nova fase de suas vidas considerando um cuidado integral.

REFERENCIAL TEÓRICO

Visando ampliar os subsídios teóricos, para a análise das entrevistas desta

pesquisa primeiramente foi realizada uma revisão integrativa da literatura de trabalhos científicos publicados no período de 2002 a 2012. A escolha deste período se deve ao fato que estudos relevantes sobre o climatério surgiram após à pesquisa realizada nos EUA (2002), mostrando os efeitos do uso indiscriminado da terapia hormonal nesta fase. (FEBRASGO 2003). Para o desenvolvimento desta etapa da pesquisa utilizou-se o método de revisão integrativa que permite um acesso à síntese de informações no âmbito científico possibilitando assim agregar os resultados do estudo. (MENDES; GALVÃO 2008). Assim foi realizada uma pesquisa bibliográfica por meio da página virtual da biblioteca regional de medicina (BIREME) nas bases de dados: Scientific Eletronic Library (SciELO) e Public Medline (PubMed), com a finalidade de identificar artigos que possibilitasse a análise das intenções dos autores. As palavras chaves utilizadas foram: climatério, menopausa, enfermagem. Os artigos foram agrupados em uma tabela (Apêndice I) incluindo o título do artigo, autores, o que foi estudado, resultados recomendações/conclusão.

Do total de 10 artigos trabalhados foram definidas três categorias descritas no quadro abaixo:

Ser mulher no climatério	Manifestações clínicas do climatério	Assistência em educação em saúde
A maior parte das mulheres entram nesse ciclo biológico com conhecimento a respeito do significado de climatério.	As mulheres não compreendem as mudanças biológicas e psicossociais a que serão sujeitas e não sabem o que fazer para viver nessa fase com bem-estar.	Muitos profissionais sentem a necessidade de se capacitarem para promoverem ações qualificadas para o bem estar da mulher no climatério.

Tabela 1- categorias encontradas a partir da análise da revisão integrativa.

Fonte: (Amorim, 2014)

Na análise dos artigos ficou claro que as mulheres entram nesse ciclo biológico com conhecimento a respeito do significado de climatério, mas não compreendem as mudanças biológicas e psicossociais a que serão sujeitas e não sabendo como lidar com as possíveis transformações desta fase. Muitos profissionais sentem a necessidade de se capacitarem para promoverem ações qualificadas para o bem-estar da mulher no climatério

Na perspectiva dos autores analisados ficou evidente a importância da assistência integral à mulher no climatério, no que consiste inclusive por parte dos profissionais na educação em saúde, já que estes estudos mostram que com a informação e com práticas saudáveis as mulheres se adaptam melhor neste momento de sua vida.

Para a análise das entrevistas desta pesquisa utilizamos também publicações da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia -FEBRASGO (2003, 2010) Ministério da Saúde (1996), teses e dissertações de mestrado.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo foi utilizado a pesquisa qualitativa com enfoque na fenomenologia. Nesta perspectiva, o pesquisador preocupa-se com a natureza do que vai investigar, no sentido de compreendê-la e não a explicar, sendo que a investigação surge com um interrogar. A pesquisa fenomenológica lida com a interrogação ou pergunta dirigida para a consciência, e não com os fatos, mas com aquilo que se mostram à consciência quando interrogada (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990). Trata-se de uma entrevista aberta, pautada em uma pergunta norteadora (AMATUZZI, 1993 apud MOREIRA, 2004). Esta pergunta visa buscar a compreensão do significado da experiência vivida a ser pesquisada e tem como objetivo a descrição, no sentido de alcançar vários significados incluindo os culturais, biológicos, psicológicos, e ideológicos (MOREIRA, 2004).

Seguindo esta perspectiva, o presente trabalho será norteado pela interrogação de como as mulheres vivenciam o climatério e seus significados. Assim, utilizando o enfoque da pesquisa qualitativa fenomenológica, podemos trilhar um caminho mais perto do sentir, do pensar de quem vivencia, de modo exclusivo, a fase do climatério.

A pesquisa foi realizada, no Ambulatório de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia-MG, onde a pesquisadora coletou as informações necessárias para a inclusão dos sujeitos que foram convidados a participar do estudo.

A população alvo da pesquisa foi às mulheres situadas na faixa etária dos 45 aos 60 anos, atendidas no Ambulatório de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital de Clínicas de Uberlândia da Universidade Federal de Uberlândia todas as terças no mês de maio de 2014.

Foram incluídas mulheres no climatério, na faixa etária de 45 a 60 anos de idade, assistidas no ambulatório do setor de ginecologia e obstetrícia do HCU/UFU no mês de maio de 2014. Foram excluídas mulheres não situadas na faixa etária de 45 a 60 anos de idade e mulheres que não aceitaram participar da pesquisa.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas audiogravadas composta por uma pergunta norteadora, sendo utilizada a entrevista não estruturada, elaborada com o referencial teórico de Beiani (1981) permitindo assim obtenção dos objetivos proposto por este estudo.

O levantamento dos dados foi iniciado após a aprovação da pesquisa pelo CEP/UFU. Ao aceitar o convite, as participantes receberam o termo de consentimento Livre e Esclarecido. Foi assegurado o sigilo e o anonimato de todas as participantes do estudo de acordo com 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (Brasil 2012)

Foram aceitas todas as recomendações do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/UFU) e as entrevistas ocorreram após a aprovação de acordo com o parecer consubstanciado.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS: O REVELAR DAS FALAS

Para possibilitar uma visão global de algumas características das mulheres participantes deste estudo, foi organizado um quadro com os nomes fictícios, idade, estado civil, número de filhos e escolaridade.

Nome Fictício	Idade	Estado Civil	Filhos	Escolaridade
Magnólia	52	Casada	Sim	Fundamental Incompleto
Hortência	54	Casada	Sim	Ensino Médio Completo
Bromélia	53	Solteira	Sim	Fundamental Incompleto
Orquídea	49	Solteira	Sim	Ensino Médio Completo
Lis	47	Casada	Sim	Superior incompleto
Margarida	50	Casada	Sim	Ensino Médio Completo
Maricá	49	Casada	Sim	Não alfabetizada
Rosa	59	Solteira	Sim	Fundamental Incompleto
Azaléia	60	Casada	Sim	Fundamental Incompleto
Jasmim	52	Casada	Sim	Ensino Médio Completo
Dália	59	Viúva	Sim	Fundamental Incompleto
Tulipa	59	outros	Sim	Não alfabetizada
Zínia	49	outros	Sim	Ensino Médio Completo
Espatodea	49	amasiada	Sim	Fundamental completo
Violeta	52	Casada	Sim	Ensino Médio Completo

Quadro 1: Distribuição dos sujeitos segundo a idade, estado civil, filhos e escolaridade

Fonte: Amorim(2014)

As participantes deste estudo estão predominantemente situadas na faixa etária acima de 50 anos, casadas, com filhos e com nível de escolaridade do ensino fundamental incompleto. O quadro acima mostra que a maioria das entrevistadas da pesquisa apresenta relação estável. Embora o tipo de pesquisa utilizada não permita ampliar a discussão sobre a situação conjugal dos sujeitos deste estudo é importante

citar trabalhos mostrando que a mulher que recebe apoio do companheiro, consegue lidar melhor com os possíveis problemas emergidos no climatério, em especial aos relacionados ao exercício da sexualidade (FEBRASGO, 2010). Por meio da análise dos depoimentos, surgiram categorias relacionadas à perspectiva da mulher na vivência do climatério.

O REVELAR DAS FALAS

Cada entrevista se desenvolveu com uma questão norteadora. Não houve limite de tempo, assim a entrevistada pode falar livremente. O número de descrições neste trabalho obedeceu ao critério da repetição, que no método fenomenológico denomina-se convergência, podendo as mulheres entrevistadas, descrever qual o significado do climatério para elas.

É importante enfatizar que logo no início das entrevistas ficou claro a falta de informação quanto à palavra climatério fato que se confirmou ao final das entrevistas, pois 10 participantes da pesquisa alegaram nunca ter ouvido falar sobre o climatério sendo preciso utilizar o termo menopausa mais conhecido popularmente (BIFFI, 2003). Estes resultados coincidem com os estudos realizados por Berni, Luz e Kohlraush (2007) que constataram desconhecimento do assunto em função do termo, expressando confusão quanto ao uso do mesmo, o que leva a crer que há deficiência de informações principalmente com a terminologia científica por parte dos serviços de saúde que oferecem assistência à mulher que vivencia esta fase. (SILVA; et al.2003)

Após a leitura e releitura de cada descrição, salientamos o que era significativo para o nosso olhar de pesquisadora e sintetizamos em categorias, apresentadas no quadro abaixo. Desta forma nas falas das mulheres entrevistadas, o climatério significa:

Ordem	Categoria	Entrevistas
1	Presença de sinais e sintomas	Hortênci, Lis, Azaleia, Tulipa, Zinia, Espatódea, Violeta.
2	Que não houve problemas	Orquídea, Rosa, Jasmim, Dália.
3	mesmo que menopausa	Bromélia, Margarida, Maricá.
4	Parar de menstruar	Bromélia, Margarida, Espatodea.
5	Fase de mudança na vida que necessita atenção e cuidado	Violeta, Maricá.

Quadro 2-Distribuição das categorias quanto ao significado do climatério em ordem de maior frequência:

Fonte: Amorim(2014)

A seguir foi realizada a análise de cada categoria utilizando-se para tanto o referencial teórico citado na presente pesquisa:

Presença de sinais e sintomas

Embora seja uma fase biológica da vida, há mulheres que apresentam manifestações variadas em diversidade e intensidade. (LEITE; et al. 2013 p.345). O climatério facilita sintomas clínicos, como os, caracterizados por alterações hormonais, modificações funcionais (disfunções menstruais, sintomas vasomotores); modificações morfológicas (atrofia mamária e urogenital, alterações da pele e mucosas) e outras alterações em sistemas hormônio dependentes, como o cardiovascular e os ossos (FEBRASGO, 2010).

Nota-se nos discursos das mulheres entrevistadas no presente trabalho como este evento interfere no seu bem-estar, na sua autoestima assim como também no meio em que se insere.

Abaixo são citadas as falas que representam esta categoria:

Muito calor e mal estar, quando vem as ondas de calor vêm o mal estar terrível (Hortência)

Estou tendo muita alteração na menstruação na TPM, muita cólica, dizem que eu estou entrando nela (Lis)

Não sei te explicar, desconforto né Azaléia

O relato acima vem ao encontro com as pesquisas, na qual mostra que a mulher tem uma visão negativa desta fase da vida associada aos efeitos desagradáveis da síndrome do climatério cujas alterações fisiológicas são sentidas pelas mulheres, diminuindo sua sensação de bem-estar. (VALENÇA; GERMANO, 2010)

sentia assim muito mal né, muito calor, tontura, falta de sono, as vezes falta de apetite, muito nervosismo, foi uma fase difícil. Tulipa

Estudos realizados por Santos (2012) mostram que há muitas queixas de insônia pela maioria das mulheres que entram no climatério. Destaca-se no estudo que condições sócio demográficas e psicológicas e não menos importante os sintomas vasomotores (sudorese, atividade física, cigarro) influenciam na insônia.

Segundo Pedro et.al (2003, p.741) A insônia é frequentemente atribuída às ondas de calor, conseqüentemente gerando irritabilidade, mas também pode estar associada aos sintomas psicológicos, o que refletiria a sua associação com depressão

Pode-se notar na coleta de dados que seis mulheres queixam das ondas de calor ou os chamados fogachos; Segundo Felippeto et.al (2009), uma parcela considerável da população feminina, mais de 50%, sente os efeitos do hipoestrogenismo, sendo os fogachos o sintoma mais comumente relatado na fase do climatério. Felippeto ainda complementa que:

O fogacho é uma sensação de calor espontâneo frequentemente associado à transpiração, palpitação e ansiedade, resultante de uma resposta vasomotora à

diminuição dos níveis estrogênicos.

O mesmo que menopausa

Menopausa se origina do vocabulário grego da união de duas palavras: “mês” e “interrupção” (JURUENA e MARTINS, 2003 apud OLIVEIRA; 2008), O termo menopausa foi criado em 1816 pelo médico francês Gardanne e rapidamente tornou-se comum no meio médico (LOCK, 1998; GREER, 1994 apud; GONÇALVES 2005) sendo um processo específico e natural da mulher.

É comum o termo climatério ser usado como sinônimo de *menopausa*, porém esta última é um fenômeno que se define retroativamente, pois representa a cessação permanente das menstruações, por um período de doze meses de amenorreia, sendo o resultado da perda da função folicular dos ovários. É utilizado para definir o período da vida reprodutiva da mulher. (GONÇALVES; MERIGHI, 2005 p.692)

Na perspectiva das participantes da presente pesquisa observou-se que o termo climatério foi usado como sinônimo de menopausa:

É quando agente para de menstruar não é ? menopausa. Bromélia
Climatério é a menopausa, entrando na menopausa. Margarida.
Já passei a fase da menopausa. Maricá

Os relatos estão em consonância com os estudos de Biffi, (1991, 2003) que mostra a distância que existe entre o discurso científico e o senso comum, pois há muito as pesquisas evidencia que a menopausa denota a parada das menstruações, comprovada por meio de uma amenorreia espontânea durante doze meses consecutivos (BIFFI, 1991, 2003; FEBRASGO 2010).

Parar de Menstruar

O término da menstruação foi citado por cinco mulheres as quais associaram o climatério como sendo o término da menstruação. As falas abaixo mostram esta associação:

É quando a gente para de menstruar não é ? menopausa. Bromélia

Climaterio é a menopausa, entrando na menopausa, não tem mais menstruação, eu acredito que seja isso, ou estar próximo de parar de menstruar mais ou menos isso. Margarida

Parar de menstruar , ah pra mim não teve assim tanto significado não porque eu tirei o útero, só tive calor , mas pouco , eu tive um pouquinho mas tive. Espatódea.

Os estudos indicam que a alteração menstrual está presente em 90% das mulheres que vivenciam o climatério. Os ciclos menstruais se tornam menores, devido à fase folicular mais curta, seguida de ciclos mais longos, por conta da maturação folicular retardado, até que se instale a amenorreia definitiva (ALMEIDA, 2003 apud

MERIGHI; 2008).

O termo menopausa teve seu significado ampliado, sendo usado para indicar a última menstruação, assim como também todo o período de transição do climatério. As mulheres revelam vago conhecimento sobre o climatério, deixando claro que este período da vida não está distante a parada da menstruação. (BERNI,LUZ e KOHLRAUSH 2007).

Que não houve problemas

Embora o climatério tenha sido descrito na literatura médica (FEBRASGO, 2010; Lorenzi 2005) como síndrome, há estudos que reforçam o conceito de climatério enquanto uma fase natural do ciclo de vida feminino (Biffi,2003).Na presente pesquisa fica claro que há mulheres que não apresentam sintomas, no entanto, mostraram a expectativa de problemas, isto é, ela espera o aparecimento dos sinais e sintomas, atribuindo ao climatério à presença de quaisquer sintomas, estando estes relacionados ou não a esta fase. Isto se mostra nas falas a seguir.

Ah eu não sinto nada! Não tive ainda, não sinto nada, nada, nada Jasmim
O Climatério eu não tive, não tive esse climatério. Orquídea

Houve participante que apesar de não relatar problemas relacionados ao climatério, fizeram referência ao envelhecimento nesta fase como evidenciado na fala abaixo:

”eu não tive muito problema ai não, ah assim fiquei mais velha” Rosa

“O envelhecimento populacional é uma realidade demográfica brasileira. Como consequência, espera-se, nos próximos anos, um aumento progressivo na procura dos serviços de saúde, inclusive por mulheres com queixas relacionadas ao climatério” (PITOMBEIRA et. al, 2011,p.518).

Segundo o Ministério da Saúde (2008) Um dos fatores apontados como fonte de angústia para mulheres e homens nessa fase da vida é o envelhecimento sexual. Os conflitos são mais frequentes no ocidente do que em outras culturas como a oriental, principalmente devido à desvalorização dos indivíduos mais maduros, incluindo as mulheres após a menopausa.

Fase de mudança na vida que necessita atenção e cuidado

Na perspectiva das entrevistadas o climatério não é uma patologia e sim um momento da vida que necessita de uma importante atenção no que diz respeito aos exames periódicos e às mudanças de seu corpo, porquanto a necessidade do autocuidado. A seguir a fala que evidencia esta categoria:

Significa muitas coisas pra gente assim, no meu caso (...)mas é muito importante porque é um tipo de coisa que nós todas mulheres passa por ele né, é um período

que é muito importante a pessoa ter mais atenção, é ... olhar bem as coisas que acontece com agente porque tem muitas pessoas que acham que não, que isso aí não é uma doença não, não é uma doença mas é uma fase da nossa vida, assim que eu acho que é muito importante.

Embora o climatério seja uma fase do ciclo de vida do ser feminino há mudanças nas quais chama atenção para a necessidade de dialogar sobre as mudanças biológicas emocionais, sociais e espirituais que ocorrem com as mulheres fazendo uma reflexão crítica a respeito dos mitos, preconceitos, inseguranças que envolvem o climatério assim como também sobre o papel social da mulher e a importância do autocuidado.(LANDERDAHL,1997 apud SILVA;2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente trabalho refletimos a cerca da percepção da mulher quanto ao climatério, momento da vida feminina na qual ocorre a transição do período reprodutivo ao não reprodutivo constituindo um processo de importantes transformações, no âmbito físico, emocional e social podendo ter duração variável.

A análise das entrevistas revelou que a maioria das mulheres desconhece o climatério, porém souberam discursar quando o mesmo foi associado à menopausa. Foi possível observar que para as participantes desta pesquisa o climatério significa: presença de sinais e sintomas; que não houve problemas; o mesmo que menopausa; parar de menstruar e fase de mudança na vida que necessita atenção e cuidado. O sintoma relatado com mais frequência na categoria de sinais e sintomas foi a irritabilidade, o que de certa forma afetou a qualidade de vida das mulheres participantes desse estudo.

Ao analisar estas categorias, fica claro que as participantes reproduzem em suas falas o que a literatura científica pública sobre o climatério, em especial quanto aos aspectos relacionados à síndrome climatérica. É como se esta mulher esperasse por graves sinais e sintomas neste momento de sua vida. E assim, culpa o climatério pelos problemas vivenciados nesta fase.

Na análise realizada com o apoio do referencial teórico citado no estudo compreende-se que para uma melhor adaptação da mulher a esta fase é necessário que a mesma tenha orientações quanto às modificações biológicas inerentes ao período do climatério, as vantagens e desvantagens da terapia hormonal, e realização de exames complementares, isso vem ao encontro da categoria: fase de mudança na vida que necessita de atenção e cuidado, na qual se destaca a percepção da mulher quanto a importância de estar atenta a sua saúde.

Fica claro também a importância da participação de grupos organizados pela equipe de saúde nos diferentes espaços de assistência a mulher no climatério, tendo assim uma troca de experiências e interação com mulheres que estão nesta fase. E para tanto é necessária formação específica da equipe interdisciplinar de saúde para

o cuidado integral à saúde da mulher no climatério.

Portanto é imprescindível que a mulher que vive o climatério passe a ser considerada na sua integralidade, de forma que, além de ser ouvida nas suas queixas, tenha acesso, tanto a medidas de promoção e prevenção em saúde, como terapêuticas e de reabilitação, com vistas a uma melhor qualidade de vida, ressaltando que o climatério não é um estado patológico mas sim uma fase de mudanças que requer um cuidado no estilo de vida como um todo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.H.R.B et al. Ser mulher no climatério: Uma análise compreensiva pela enfermagem. **Rev Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.15, n.3, p.370-375, jul-set, 2007.

BEIANI, T. C. **A escuta do silêncio**: um estudo sobre a linguagem do pensamento de Heidegger, São Paulo: Cortez, 1981.

BERNI, N.I.O; LUZ, M. H; KOHLRAUSCH, S.C; Conhecimento, percepções e assistência à saúde da mulher no climatério. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.60, n.3, p.299-306, mai-jun, 2007

BIFFI, E. F.A. O Fenômeno da menopausa: uma perspectiva de compreensão. Dissertação, (mestrado em enfermagem) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1991.

BIFFI, E.F.A. **Saúde mental e climatério na perspectiva de mulheres profissionais de saúde**. 2003. Tese (doutorado em enfermagem psiquiátrica). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. **Manual de atenção à mulher no climatério/menopausa**. Brasília, Distrito Federal, 2008.

GALVÃO L.L. F et. al . Prevalência de transtornos mentais comuns e avaliação da qualidade de vida no climatério. **Revista Associação Médica Brasileira**, Natal, v. 53, n.5, p.414-20 2007.

FEBRASGO - Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia. **Posição da FEBRASGO e SOBRAC frente ao resultado do estudo wome's Health initiative**. Disponível em: <www.Febrasgo.org.br/posicao.htm> Acesso em 27 jun 2014.

FEBRASGO. Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia. Climatério: manual de orientação. São Paulo: 2010.

FILIPPETTO, B.M. et al. Terapia não-hormonal no manejo das ondas de calor no climatério. **FEMINA**, Curitiba.v.37, n.1, p. 7-12, 2009.

GRAÇA, E. M. Pesquisa quantitativa e a perspectiva fenomenológica. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 4, n. 12, p.28-33, 2000.

GONÇALVES, R; MERIGHI, M.A.B; O climatério: a corporeidade como berço das experiências do vivido. **Revista Brasileira de Enfermagem. São Paulo**, v.58.n. 6, p.692-7 nov-dez 2005.

LORENZI, D.R.S. et al. Assistência à mulher climatérica: novos paradigmas. **Rev Bras Enferm**. Brasília; v,62 (2)p. 287-93 mar-abril; 2009.

MOREIRA, V. O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, Porto Alegre, v.17, n.3, p.447-456, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a16v17n3.pdf>.> Acesso em: 15 março de 2013

OLIVEIRA, D.M; JESUS, M.C.P; MERIGHI, M.A.B; Climatério e Sexualidade: A compreensão dessa interface por mulheres assistidas em grupo. **Texto e Contexto Enfermagem**, Santa Catarina, v.17, n.003, p.519-526, Jul/Set. 2008.

OLIVEIRA, D.M; JESUS,M.C.P; MERIGHI,M.A.B; O Climatério sob a ótica de mulheres assistidas em uma unidade de saúde da família de juiz de fora- Minas Gerais. **Revista Atenção Primária à Saúde**, Juiz de Fora v.11 n.1 p.42-53, jan/mar. 2008.

PEDRO A. O et al; Síndrome do climatério: inquérito populacional domiciliar em Campinas, SP; **Revista em Saúde Pública**, São Paulo, v. 37, n.6; p.735-42, 2003.

PITOMBEIRA R. et al. Sintomatologia e modificações no cotidiano das mulheres no período do climatério. **Revista Cogitare Enfermagem**, Fortaleza, v.16 n.3 p.517-23 Jul /Set; 2011

SILVA, A.S.R; Assistência realizada por enfermeiros do PSF a mulher no climatério. **Caderno de Cultura e Ciência**,Cariri, Ceará v. 1- n:1, 2009.

SILVA,R.M; ARUJO,C.B; SILVA,A.B. Alterações biopsicossociais da mulher no climatério. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Ceará, Fortaleza, v.16, n.1/2, p.28-33,2003.

SIQUEIRA,H,C,H; PEREIRA, Q.L.C. O olhar dos responsáveis pela política de saúde da mulher no climatério. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v.13 n.2, p.366-371.2009

VALADARES,A.L et.al, Depoimentos de mulheres sobre a menopausa e o tratamento de seus sintomas. **Revista Associação Médica Brasileira**, São Paulo, Campinas, v.54, n.4, p.299-304, jul, 2008.

VALENÇA, C.N; GERMANO R.M; Concepções de mulheres sobre a menopausa e o climatério. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza. v. 11, n. 1, p. 161-171 jan-mar, 2010.

ZAMPIERI et.al, O processo de viver e ser saudável das mulheres no climatério. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, Abr/Jun. 2009.

SOBRE A ORGANIZADORA

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra: Enfermeira pelas Faculdades Nordeste - FANOR (Bolsista pelo PROUNI). Doutoranda em Obstetrícia (DINTER UFC/ UNIFESP). Mestre em Saúde Coletiva - PPSAC/UECE. Especialização em Enfermagem Obstétrica - (4 Saberes). Especialista em Saúde Pública - UECE. Atua como consultora materno-infantil. Atuou como docente do curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Estácio do Ceará e do Centro Universitário Pitágoras de Fortaleza. Atuou como professora do Grupo de Pesquisa em Avaliação da Saúde da Mulher - GPASM/ESTÁCIO. Atuou como docente do Curso Técnico em Cuidado de Idosos - PRONATEC/ Unichristus. Atuou como supervisora pedagógica do Curso Técnico em Enfermagem da Diretoria de Educação Profissional em Saúde (DIEPS) da Escola de Saúde Pública do Ceará - ESP/CE. Atuou como enfermeira assistencial no Hospital Distrital Dr. Fernandes Távora (HFT). Atuou na preceptorial de estágio das Faculdades Nordeste - FANOR. Atuou como pesquisadora de campo da Universidade Federal do Ceará (UFC) - Faculdade de Medicina - no Projeto vinculado ao Departamento de Saúde Materno Infantil. Atuou no Projeto de Práticas Interdisciplinares no Contexto de Promoção da Saúde sendo integrante do grupo de pesquisa “Cuidando e Promovendo a Saúde da Criança e do Adolescente” - FANOR;. Atuou como Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Quantitativos da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atua principalmente nos seguintes temas: saúde da mulher, saúde materno-infantil e saúde coletiva

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso físico 91, 93, 94

C

Câncer 12, 13, 14, 15, 16, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 55, 56, 58

Cesárea 94, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 109, 111

Climatério 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70

Complicações 7, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 102, 107, 119, 121, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 155, 157, 161, 162, 167, 172, 173, 174, 178, 179, 180

Cuidado pré-natal 21, 27, 119

Cuidados de enfermagem 136, 154, 155, 157, 158, 162, 164

Cuidados pessoais 47

D

Diabetes gestacional 29

Doulas 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82

E

Educação em saúde 11, 12, 15, 29, 30, 32, 37, 42, 62, 130, 132, 139

Enfermagem obstétrica 91, 93, 97

Exame de prevenção 40, 47, 49

Extensão universitária 1, 3, 10, 11

G

Gravidez na adolescência 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28

I

Indicadores sociais 17

Insuficiência respiratória 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 167, 168

M

Menopausa 59, 61, 64, 66, 67, 68, 69, 70

Mortalidade infantil 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118

P

Parto 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 116, 117, 120, 123, 124

Parto humanizado 7, 11, 71, 72, 74, 75, 79, 80

Parto normal 2, 3, 6, 10, 11, 73, 78, 79, 80, 82, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111
Parto obstétrico 91, 93
Percepção 10, 11, 13, 16, 38, 39, 44, 45, 68, 74, 82, 96, 101, 102, 104, 106, 111, 128, 144, 152
Políticas de saúde 114, 128
Políticas públicas de saúde 72, 109
Protocolos 15, 58, 117, 155, 156, 158, 167

Q

Qualitativo 1, 47, 49, 59

R

Reabilitação 12, 14, 15, 16, 55, 60, 69, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 138, 139, 140
Recém-nascidos 1, 4, 17, 19, 22, 23, 27, 28, 117, 124, 125
Relato de experiência 1, 3, 11, 12, 14, 29, 30, 130, 133, 139, 169

S

Saúde do homem 89, 127, 128, 129, 133, 134
Saúde materno-infantil 112
Sífilis congênita 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127

T

Trabalho de parto 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 71, 72, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 94, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 107
Transmissão vertical 119, 121, 122, 123, 124, 126, 127

V

Violência 22, 45, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-618-8



9 788572 476188